



TRIBUTO DA ACADEMIA ANGOLANA

Mário Pinto de Andrade exaltado no seu 98.º aniversário

tramarina".

O sociólogo enfatizou que, neste capítulo, Mário Pinto de Andrade teve um contributo decisivo. "O trabalho de Mário Pinto de Andrade, ao fazer circular as antologias, estava a definir um campo cultural e uma estratégia de luta de libertação nacional. Definir linhas de ruptura com o sistema colonial e abrir um campo cultural africano, ao retirar textos da moldura da literatura colonial", inserindo-os nas respectivas literaturas africanas de língua portuguesa", argumentou, deixando escapar tratar-se de um corpus textual com direito próprio, fora o expansionismo imperial dos colonizadores portugueses contra a corrente independentista que varria o continente africano.

O especialista insistiu que o homenageado "ao retirar textos como periferia da literatura colonial, é neste ponto que a literatura africana dos Cinco se assume como forma de consciência nacionalista." Para tanto, citou o papel de destaque assumido pelo incipiente movimento associativo nos primórdios dos anos 50, referindo a "importância do Centro de Estudos Africanos (surgido em Lisboa, em Outubro de 1951, fora dos Círculos da Administração Portuguesa), baseado nos estudos das realidades africanas de cada uma das então cinco colónias". Aliás, empreitada cultural de que Mário Pinto de Andrade foi o principal dinamizador, secundado pelo poeta e geográfico santomense Francisco José Tenreiro; agremiação cultural que congregou várias vontades e interesses nacionalistas que desembocaram, decididamente, no mais vasto movimento de libertação nacional, cujo expoente máximo foi a luta armada desencadeada em 1961. Segundo reza a história, fizeram parte do Centro de Estudos Africanos, nacionalistas activos como Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Humberto Machado, Marcelino dos Santos, Noémia de Sousa, Alda Espírito Santo, entre outros, tendo as várias disciplinas discutidas África como o centro das atenções do debate. Nesta matéria, o palestrante sublinhou que a Mário Pinto de Andrade coube o estudo da "linguística africana, das tradições orais, do vocabulário e o sentido das palavras das línguas africanas".

Carlos Lopes recordou também o papel exercido por Mário Pinto de Andrade nas formações das novas gerações, para asse-



Norberto Costa*

A largueza de espírito de Mário de Andrade foi enfatizada pelos dois reputados palestrantes

tar as qualidades multifacetadas de Mário de Andrade, que foi poeta, crítico literário, editor, antologador, investigador, historiador das ideias políticas, filólogo, sociólogo, ensaísta e político. Segundo o investigador guineense, Mário de Andrade foi tudo isso e mais alguma coisa, tendo marcado o processo de afirmação da literatura angolana e das restantes literaturas africanas de língua portuguesa, em Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, recordou, acrescentando que "editou obras, criou instituições culturais e políticas, dinamizou redes de intelectuais e contribuiu decisivamente para o surgimento de organizações nacionalistas nos PALOP, tendo sido presidente do MPLA (1960-1962). O professor disse mais: "Mário de Andrade contribuiu para a construção de instituições que ajudou na união de países, de espaços divididos por fronteiras da Administração Colonial", reforçando que com o seu meritório trabalho cívico e intelectual, de defesa da cultura no quadro da negritude de vocação univer-

o "teatro das hostilidades" foi aberto com a canção "Muimbu ua Sabalu" (do kimbundu "Canção para Sabalu", poema da autoria de Buange Fele ou "Bibi", para os mais íntimos do finado político e escritor (cuja primeira reinterpretação vocal e do título suscitou uma "burbinho" na sala e mesmo alguma controvertida polémica, uma bronca que merece outra peça); canção entoada pelo "Duo Canhoto", na voz do maestro Ekuikui, acompanhado de uma bem sintonizada batucada, que remeteria o homenageado para a ancestralidade aberta aos ventos da modernidade, como propugnava.

Aliás, a largueza de espírito de Mário de Andrade foi enfatizada pelos dois reputados palestrantes que animaram a conferência, designadamente os professores universitários, doutor Carlos Lopes, sociólogo guineense (erroneamente tratado como economista) e um dos mais brilhantes pensadores africanos contemporâneos e a doutora Inocência Mata, ilustre figura da intelectualidade santomense e docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Na sua longa intervenção, Carlos Lopes começou por exal-

O escritor e nacionalista, Mário Pinto de Andrade, foi o grande homenageado da passada sexta-feira, 21 de Agosto, data em que completaria 98 anos, caso estivesse em vida, pois faleceu em Londres, num dia como hoje, precisamente a 26 de Agosto de 1990, vítima de leucemia e tuberculose.

A cerimónia decorreu no auditório do Memorial Dr. António Agostinho Neto, presidida pelo presidente da Academia Angolana de Letras, o sociólogo Paulo de Carvalho, que, ao abrir tão honroso acto sublinhou que a homenagem se inscreve no quadro doutras já prestadas a distintas figuras já falecidas, com destaque para o seu imortal patrono, o poeta Agostinho Neto, bem como os escritores António Jacinto, Wanhenga Xitu e a linguista Amélia Mingas, entre outras renomadas figuras.

Para animar a cerimónia,



gurar o desenvolvimento futuro de África, confessando que foi graças ao seu apoio e a sua intervenção decisiva que "conseguiu prosseguir os seus estudos superiores no estrangeiro, porque não havia universidade na Guiné-Bissau". Foi, assim, que conseguiu a sua licenciatura na Suíça, em Sociologia do Desenvolvimento, e depois do doutoramento, capital intelectual que, aliada à pesquisa social nas décadas de 80, no extinto INEP, de que era director, permitiu consagrar-se hoje como um dos mais prestigiados investigadores sociais africanos, distribuindo as suas credenciais nos mais várias encontros da massa crítica do e no continente berço, bem como em fóruns internacionais no Ocidente, tendo sido já também secretário Executivo da Comissão Económica das Nações Unidas para África e sub-Secretário-Geral da ONU, respectivamente. É motivo para se dizer que a Guiné-Bissau exangue

e dilacerada pela instabilidade constante, tem um estadista a vender as suas mais apuradas e renomadas credenciais pelo mundo fora, à espera de melhores dias e de ventos mais bonancosos, para espalhar galhardamente o seu perfume de intelectual de elevada cepa, na sua terra natal! Valha-nos Deus, já que o perigo anda à espreita não só no berço de Cabral, cujas excelas qualidades de intelectual e pensador político sublimou, mas também nas terras de pepeles, fulas, mandingas, bem como muçulmanos e cristãos.

Inocência Mata

Já Inocência Mata não deixou os seus créditos em mãos alheias, ao falar depois do erudito discípulo de Mário Pinto de Andrade. Começou por falar do acaso do seu primeiro encontro com o homenageado, que se encontrava a ler na Biblioteca de Lisboa, tendo-lhe sido apresentado por uma colega. Impressio-

nou-lhe a simplicidade do interlocutor, o que contrastava com a sua elevada cultura intelectual, sem exhibir qualquer arrogância, mas uma modéstia invulgar, que a surpreendeu mais quando citou a sua tese de mestrado no seu último livro de ensaios: "Origens do Nacionalismo Africano".

"Não consigo separar o intelectual do cidadão dos Cinco (PALOP)". MPA era o pivô da solidariedade cultivada entre as cinco colónias portuguesas, durante a luta de libertação nacional, tendo sido o primeiro presidente da CONCP, oriunda do MAC e da FRAIN, instituições dinamizadoras da luta armada, política e diplomática travada contra o colonialismo português, desde os finais da décadas de 50 até 11 de Novembro de 1975.

Inocência Mata destacou que Mário Pinto de Andrade foi um intelectual de elevada cultura. O intelectual na políti-

ca é a expressão que me foi sugerida, porque gostava mesmo de pensar", insistindo que "gostava mesmo de pensar. Era um intelectual na política, porque a acção política não deveria prescindir a vigilância intelectual".

A professora sublinhou a capacidade de interrogar de Mário Pinto de Andrade, tanto no passado: "MPA questionou a ordem colonial", quanto no futuro, vencidas as batalhas da luta pela Independência, veio a se interrogar sobre a necessidade do comportamento crítico para o asseguramento da liberdades públicas dos países recém-libertados da colonização portuguesa, exaltando a necessidade da manutenção dessa postura do

comprometimento crítico das elites intelectuais africanas com os seus povos.

Enfim, é neste ponto essencial de uma cada vez maior capacidade de intervenção crítica, analítica e de proposição de saídas para a crise estrutural e conjuntural que assola África, em que ambos oradores estiveram de acordo, postulando cada um a sua perspectiva sobre uma mesma destacada personalidade da História de África; que fez História e escreveu sobre a política, o social, a cultura, as línguas africanas, a literatura e até a economia, ao meditar sobre as incidências da guerra em Angola.

**Ensaísta*